
O ENSINO DAS CLASSES DE PALAVRAS NO EF II SOB O VIÉS DA ANÁLISE LINGUÍSTICA: ESTUDO REFLEXIVO DO SUBSTANTIVO E DO ADJETIVO A PARTIR DO GÊNERO CONTO

Denise Pereira Rebello Viglioni¹
Natália Sathler Sigiliano²

Apresentação

O ensino de língua e o trabalho com a gramática têm apresentado perspectivas variadas, e os professores sentem-se divididos entre ensinar ou não gramática, como ensinar e para que ensinar. Diante desse contexto conflituoso vivenciado na maioria das escolas públicas do Brasil, propõem-se, neste trabalho, alternativas de associar a gramática às práticas discursivas sociais. Este projeto faz parte de pesquisa desenvolvida no âmbito do mestrado profissional em Letras (ProfLetras/UFJF) e encontra-se em desenvolvimento, em aplicação em uma turma de 6º ano de escola pública. Nesta, atrela-se o ensino de classes de palavras (cf. PINILLA, 2007), especificamente o substantivo e o adjetivo, ao gênero textual conto e conto parodiado. A proposta é contextualizar o estudo da gramática e explorar a capacidade de escuta, leitura e produção textual do aluno, fazendo com que o aluno aproprie-se de práticas de análise linguística (cf. MENDONÇA, 2006) com ênfase na reflexão sobre os usos do substantivo e do adjetivo na estrutura da narrativa. Por ter caráter intervencionista, a metodologia aqui adotada é a da pesquisa-ação (cf. DESROCHE, 2006), que articulará a pesquisa à ação voltada para a prática da sala de aula.

Caracterização da Escola

O *lócus* da intervenção é a Escola Municipal Cosette de Alencar em Juiz de Fora, especificamente uma turma de 6º ano. A escola recebe alunos de classe média e baixa, matriculados no ensino fundamental I e II, nos turnos da manhã e tarde, e EJA no noturno. Apresenta um trabalho de inclusão de alunos com deficiências visuais, auditivas e cognitivas. As crianças com laudo contam com um professor de apoio em sala de aula; as atividades adaptadas às necessidades individuais são preparadas pelo professor regente.

¹ Mestranda no Mestrado Profissional em Letras/ Profletras/ UFJF, Professora da Escola Municipal Cosette de Alencar, viglionijr@gmail.com

² Doutora em Linguística, Professora titular da Universidade Federal de Juiz de Fora, natalia.sigiliano@ufjf.edu.br



O ambiente geral da escola é agradável, há uma boa biblioteca escolar, quadra para esportes, sala de vídeo, de informática e de atendimento aos alunos com deficiência. Em relação ao ensino de língua, o trabalho é predominantemente voltado para uma abordagem mais transmissiva da gramática normativa. A disciplina língua portuguesa é separada de produção textual e, muitas vezes, apresenta professores diferentes para o desenvolvimento destas atividades em uma mesma turma.

O 6º ano alvo deste projeto é formado por 29 alunos, dos quais três apresentam alguma deficiência e recebem atendimento de uma professora bidocente e/ou do AEE. Os alunos apresentam faixa etária entre 11 e 12 anos, são participativos e recebem bem atividades que propõem reflexão e cooperação.

Fundamentação teórica

As principais concepções que orientam a prática proposta neste projeto são os estudos linguísticos de Mendonça (2006); as concepções de gramática com Travaglia (1996) e língua com Neves (2002, 2015) e Antunes (2014); a análise do ensino de classes de palavras em Pinilla (2007) e Perini (2001, 2006); e a abordagem de gêneros textuais com Schneuwly & Dolz (2004).

Conforme Travaglia (1996), ao desenvolver o ensino de língua materna e especificamente o ensino de gramática, é preciso saber que há tipos diferentes de gramática, com objetivos e resultados diversos. Ademais, outra questão importante para o ensino do português é qual concepção de linguagem e de língua o professor tem. Tal concepção influencia em como se estrutura o trabalho de ensino da língua.

Antunes (2014) adverte nesse sentido:

A concepção (ou a teoria) que se tem acerca do que seja a linguagem, acerca do que seja a língua, do que seja a gramática é o ponto de partida para todas as apreciações que fazemos, mesmo aquelas mais intuitivas, mais descompromissadas e corriqueiras. (ANTUNES, 2014, p. 15)

A autora ressalta ainda que toda a proposta pedagógica da escola, sua metodologia e o trabalho do professor fundamentam-se nessas concepções.

A intervenção que aqui se propõe fundamenta-se na perspectiva da gramática reflexiva ou contextualizada, adotando uma concepção interacionista da linguagem e mais produtiva no ensino de gramática, associando-a à análise linguística, consoante Antunes (2014):

Na concepção da linguagem como interação, a gramática não se constitui sozinha, ou separadamente das atividades verbais realizadas por seus falantes. São todos os usuários – em suas trocas linguísticas cotidianas – que vão criando e consolidando o que, nos diferentes grupos, vai funcionando como “norma”, quer dizer, como *uso regular, habitual, costumeiro*.” (ANTUNES, 2014, p. 25)

Pensar na contextualização da gramática implica a associação de práticas de análise



linguística no ensino de língua, o que permite transpor a abordagem transmissiva com ênfase na atividade metalinguística, fundamentada em definições, identificações e classificações de itens gramaticais, para passar à abordagem reflexiva com ênfase em atividades epilinguísticas. Isso significa transferir o aluno de uma posição de usuário para analista da língua e da linguagem, refletindo sobre o uso dos recursos expressivos em função do funcionamento da língua a partir de textos, de situações de interação, conforme Sigiliano & Silva (no prelo):

(...)os alunos são levados a refletirem e identificarem o funcionamento da língua a partir de textos, ainda que unidades linguísticas menores possam ser utilizadas em atividades desencadeadoras de comparações no eixo paradigmático de estudo da língua. Em outros termos, os conceitos gramaticais são gerados a partir da observação atenta, podendo, posteriormente, serem confrontados com o conhecimento da língua sistematizado nos manuais gramaticais de referência. (SIGILIANO & SILVA, no prelo)

Dessa maneira, deve haver prioridade da epilinguagem na aula de língua portuguesa, sem necessariamente se abandonar, contudo, após amadurecimento da reflexão por parte do leitor, a apresentação dos conceitos e/ou nomenclaturas adequados ao grau de ensino. Afinal, segundo Mendonça (2006, p. 218), o conhecimento das nomenclaturas serve de referência a novos fenômenos que serão estudados e auxilia o aluno na manipulação de manuais de consulta e gramática com autonomia.

Neves (2002) reflete sobre as atividades de metalinguagem em si mesmas, as quais desprezam quase sempre a atividade de reflexão e operação sobre a linguagem, do que resulta em um trabalho organizado em compartimentos separados:

(...) de um lado, redação e leitura com interpretação (estruturação/ representação/ comunicação de experiências, mais interpretação de experiências comunicadas), e, de outro, gramática (conhecimento do quadro de entidades da língua, e, também, algum conhecimento do que se considera bom uso da língua). (NEVES, 2002, p. 238)

Pinilla (2007) não considera problema a metalinguagem, mas sim como se alcançam os conceitos e as definições. Especificamente quanto ao ensino de classes de palavras, a autora destaca que as gramáticas e livros didáticos misturam critérios ou não consideram os mesmos critérios para as classificações em geral:

O problema das definições apresentadas nas gramáticas e nos livros didáticos é a mistura de critérios, o que prejudica a tarefa de estabelecer diferenças entre as classes de palavras. A maioria dos autores privilegia o critério semântico na classificação, que, isoladamente, não é suficiente para estabelecer as oposições entre as classes. (PINILLA, 2007, p. 180)

A autora defende que é preciso utilizar os critérios mórfico, semântico e funcional para analisar as classes de palavras, assim como associar a um trabalho com textos, que fará com que o aluno conheça como cada classe atua na organização dos gêneros textuais, o que o auxiliará na sua



produção de texto, oral e escrita. Sobre isso, a autora defende que:

As palavras de uma língua constituem um conjunto ordenado. Para dar conta das semelhanças de forma, de sentido e de função entre as palavras, é preciso agrupá-las levando em consideração os três critérios propostos por Mattoso Câmara Jr.: o formal ou mórfico, o semântico e o funcional. (PINILLA, 2007, p. 177)

Também Perini (2001) defende que é preciso classificar as palavras para poder tratar delas com um mínimo de economia, assim como em outras ciências.

Uma coisa que nos poderiam ter dito na escola (mas, em geral, não disseram) é para quê a gente precisa separar as palavras em classes. Ora, a razão é semelhante à que nos obriga a separar os animais em classes, ordens, espécies etc.: classificamos as palavras para podermos tratar delas com um mínimo de economia. (PERINI, 2001, p.41)

O autor critica o aspecto dos critérios, que não consideram a flexibilidade das palavras de acordo com a comunicação e mudanças de sentido. É o caso das classes de palavras adjetivo e substantivo:

Essas duas classes, embora tradicionalmente separadas, são extremamente difíceis de distinguir. Na verdade, depois de vários anos estudando o problema, acredito que são impossíveis de distinguir, pelo menos em duas classes como fazem as gramáticas usuais. (PERINI, 2001, p.42)

O autor diz que afirmar que os substantivos são ‘nomes de coisas’, e os adjetivos expressam ‘qualidades’ é vago e não dá conta de sua aplicação. Por exemplo, a palavra *maternal* pode ser empregada para nomear, mas também para qualificar. Daí que aceitar as definições tradicionais pode alterar as classes:

(...) há palavras como *João*, *xícara* e *alto-falante*, que só podem ser nomes de coisas; depois, há as palavras como *paternal*, *genial* e *triangular*, que só podem expressar qualidades; e, finalmente, há as palavras como *maternal*, *amigo*, *magrelo*, *trabalhador*, *verde*, que podem ser as duas coisas. (PERINI, 2001, p. 44)

Na mesma proposta de contextualização dos recursos linguísticos às práticas sociais, portanto aos gêneros, Schnewly & Dolz (2004) sugerem as sequências didáticas no trabalho escolar, com a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, possibilitando-lhe escrever ou falar adequadamente numa situação de comunicação.

Ainda, assumindo-se a perspectiva da análise linguística, em que os conhecimentos linguísticos devem ser trabalhados de acordo com a sua pertinência/necessidade tendo em vista a produção de texto do aluno ou do gênero a ser lido ou abordado, adota-se, no projeto de intervenção, o conto como central para o ensino do substantivo e do adjetivo. Tal fato ocorre visto que esse gênero apresenta claramente essas categorias gramaticais em seus elementos estruturais e na construção de descrições, além dos processos de retomada - também marcados pelos



substantivos - sendo essas classes de uso destacado e proeminente no gênero eleito. Além disso, o conto é previsto no planejamento do sexto ano do ensino fundamental II e é um gênero ainda não dominado pelos alunos nessa etapa escolar.

Descrição da experiência

A proposta de intervenção que aqui se descreve é um projeto em andamento, ainda não sendo possível analisar dados, e tem por objetivo focar no ensino do substantivo e do adjetivo numa perspectiva diferente da tradicionalmente ensinada nas aulas de língua materna.

O ensino parte do texto através da escuta da contação de história de *As Mil e uma Noites* e da leitura de três de seus contos. O principal objetivo é explorar o substantivo e o adjetivo como recursos linguísticos na construção dos gêneros conto e conto parodiado, apresentando essas classes de palavras de forma contextualizada e ressaltando o uso do substantivo e do adjetivo na construção de sequências narrativas e descritivas. Também objetivam-se explorar a escuta, a leitura e a produção textual escrita e oral do aluno.

As etapas do projeto preveem percursos da oralidade para a escrita e da escrita para a oralidade: o ponto de partida é a contação de história e as rodas de conversa, passando pela leitura e pela produção escrita para voltar à oralidade, recontando histórias. Espera-se que o aluno divirta-se, aprendendo, e aproprie-se dos usos e das reflexões linguísticas acerca do substantivo e do adjetivo em suas construções orais e escritas. O projeto prevê as seguintes etapas.

Etapa 1: Contando história *As mil e uma noites*

Etapa 2: Conhecendo a cultura oriental

Etapa 3: (Re)conhecendo o gênero *conto*

Etapa 4: Lendo contos de Scherazade

Etapa 5: Reconhecendo nomes e características na construção textual Etapa

6: Lendo conto parodiado e *paródias*

Etapa 7: Produzindo *conto parodiado*

Etapa 8: Explorando o uso de substantivos e adjetivos no gênero *conto parodiado*

Etapa 9: Recontando histórias oralmente

Considerações finais

A primeira e a segunda etapas do projeto foram desenvolvidas. Na etapa Contando história *As mil e uma noites*, os estudantes conheceram versões diferentes da obra e montaram um quebra-cabeça com fichas que nomeavam personagens e outras que caracterizavam, para depois construírem frases. Nesse momento, iniciou-se a reflexão sobre os nomes e as características e foi possível perceber expectativas que os alunos tinham sobre a história e os personagens.



Após, os alunos escutaram a história de Sherazade e do Rei Shariar e, ao final da contação, produziram uma lista de presentes de A a Z para o casal real, seguidos de características.

As atividades desenvolvidas, na primeira etapa, proporcionaram a exploração do aspecto funcional do substantivo e do adjetivo, observando o papel dessas classes na oração; do semântico, pensando na significação do substantivo e do adjetivo; assim como do aspecto mórfico, já que foram observadas a concordância entre essas classes e suas flexões de gênero e número.

A etapa Conhecendo a cultura oriental proporcionou aos alunos conhecerem aspectos da cultura árabe, como hábitos, moradia, vestimenta, relações pessoais, através de visita do Sheihk Mahmud Adel Hassan Muzahem para um bate-papo com os alunos e de pesquisas sobre a cultura oriental socializadas em roda de conversa na sala de aula. As atividades dessa etapa contextualizaram a narrativa de *As mil e uma noites* e ampliaram o repertório cultural e literário do aluno, dialogando com o projeto de leitura e de reflexão dos elementos de construção da narrativa que aqui se propõe.

Esta intervenção que se apresenta em desenvolvimento oportuniza questionamentos quanto ao ensino de gramática nas salas de aulas de Língua Portuguesa e à sua eficácia no sentido de formação de estudantes que compreendam e saibam lidar com a língua nas mais diversas instâncias. As alternativas que são propostas assumem a perspectiva reflexiva da análise linguística e da gramática contextualizada e, por isso, pressupõem um trabalho que associa os usos linguísticos aos gêneros textuais formais escritos ou orais.

Espera-se que a abordagem contextualizada do substantivo e do adjetivo no conto e no conto parodiado seja significativa para o educando no sentido de apropriá-lo de maneira mais clara dos recursos de sua língua.

É possível dizer que este trabalho, mediado pela pesquisa-ação, é uma visita à outra margem, é uma possibilidade de atravessar a ponte, de refletir sobre as práticas de ensino nas aulas de Língua Portuguesa e abrir novos caminhos.

Referências

ANTUNES, Irlandé. *Gramática contextualizada: limpando o pó das ideias simples*.

1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BEZERRA, Maria Auxiliadora; REINALDO, Maria Augusta. *Análise linguística: afinal, a que se refere?* São Paulo: Cortez, 2013.

DESROCHE, Henri. *Pesquisa-ação: dos projetos de autores aos projetos de atores e vice-versa*. In:



THIOLLENT, Michel (org.). *Pesquisa-ação e projeto cooperativo na perspectiva de Henri Desroche*. São Carlos: EdUFSCar, 2006

ELLIOTT, John. *La investigación-acción en educación*. 3. ed. Madrid: Morata, 1997.

ESTERL, Arnica. *As mais belas histórias das Mil e uma Noites*. Título original: Die Schönensten Märchen aus 1001 Nacht. Tradução: Alexandre Flory. Ilustrações: Olga Dugina. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GALLAND, Antoine. *As mil e uma noites/ [versão de] Antoine Galand; tradução de Alberto Diniz; apresentação de Malba Tahan*. 19ªed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça & ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3ª ed., 10ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

LADEIRA, Julieta de Godoy. *As mil e uma noites*. Adaptação em português de Julieta de Godoy Ladeira. São Paulo: Scipione. São Paulo: Scipione, 1997. Série Reencontro literatura.

MENDONÇA, Márcia. *Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto*. In: Bunzen, Clécio & Mendonça, Márcia (orgs.) *Português no ensino médio e formação de professores*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. (Coleção Língua Portuguesa na Escola, 2)

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. *Que gramática estudar na escola?* 4ª edição, 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

OCHOA, Núria. *As mil e uma noites/ Anônimo; [adaptação Núria Ochoa]; tradução Leny Werneck*. São Paulo: Moderna, 2008. (Meus primeiros clássicos). Título original em espanhol: Las mil y una noches.

PENTEADO, Jacob. *As mil e uma noites: coletânea de novelas orientais*. Tradução de Jacob Penteado. Ilustrações de Gaetano Proietti e Giovanni Di Stefano. Livraria Martins Editora S.A., 1960.

PERINI, Mário Alberto. *Princípios de linguística descritiva*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.



PERINI, Mário Alberto. *Sofrendo a gramática*. São Paulo: Ática, 2001.

PINILLA, Maria da Aparecida de. *Classes de palavras*. In: VIEIRA, Sílvia Rodrigues & BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007.

ROCHA, Ruth. *Histórias das Mil e uma noites*. Ilustrações de Alexandre Rampazo. São Paulo: Moderna, 2010.

SCHNEUWLY, Bernard, DOLZ, Joaquim e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. E org.: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SIGILIANO, Natália Sathler and SILVA, Wagner Rodrigues (no prelo): *Diagnóstico de propostas de análise linguística em livros didáticos aprovados em programa oficial*. In Magalhães, Tânia, Garcia Reis, Andreia Rezende et Ferreira, Helena, dir. *Concepção discursiva de linguagem: formação e ensino*.

THIOLLENT, Michel (org.). *Pesquisa-ação e projeto cooperativo na perspectiva de Henri Desroche*. São Carlos: EdUFSCar, 2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo: Cortez, 1996.

